

**A AÇÃO PRÁTICA DE CONTAR HISTÓRIAS SOBRE A MORTE:
 O QUE MUDA AO DIZER ADEUS**

*THE PRACTICAL ACTION OF STORYTELLING ABOUT DEATH:
 WHAT CHANGES WHEN SAYING GOODBYE*

Antonio Luiz Mattos de Souza Cardoso

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Informática pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialista em Administração pela Faculdade Integrada Espírito Santense (FAESA) e bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto do Departamento de Biblioteconomia da UFES. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2180-3980>. CV: <http://lattes.cnpq.br/5900211605766512>. E-mail: antonio.cardoso@ufes.br

Rosa da Penha Ferreira da Costa

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduada em Biblioteconomia; em Artes Plásticas; e em Arquivologia todos pela UFES. Professora adjunto do Departamento de Arquivologia da UFES. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7876-9392>. E-mail: rosapenha2020@gmail.com

Marcelo Calderari Miguel

Especialista em Educação Científica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em Administração e Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); e em Ciências Contábeis pela Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7876-9392>. E-mail: marcelocalderari@yahoo.com.br

RESUMO

Estudo realizado junto a profissionais contadoras de histórias da Grande Vitória, que tomam a Morte como protagonista na arte de contar histórias. Busca-se entender como a narrativa e a leitura desse gênero específico repercutem em termos de sentidos sociais. Os significados atribuídos as figuras alusivas à morte e a representação dessa leitura é interpretada a luz da Etnometodologia, corrente que mostra que os indivíduos erguem a realidade social onde se inserem. Busca-se identificar e compreender as introyecções de saberes das profissionais com relação ao tema morte pela ação prática de contação de histórias no alívio à vida. Concluir que a afiguração a morte, representada na literatura e infoera, provoca um novo debate de normalidade diante o drama da Covid-19.

Palavras-chave: Contação de História. Prática Pedagógica. Imaginação e Educação. Educação para a Morte.

ABSTRACT

Study carried out with professional storytellers from Grande Vitória, who take Death as the protagonist in the art of storytelling. It seeks to understand how the narrative and reading of this specific genre has repercussions in terms of social meanings. The meanings attributed to figures alluding to death and the representation of this reading is interpreted in the light of Ethnomethodology, a current that shows that individuals raise the social reality where they are inserted. It seeks to identify and understand the introyections of knowledge of professionals regarding the theme of death through the practical action of storytelling in the relief of life. To conclude that the affection to death, represented in the literature and infoera provoke a new debate of normality before the drama of Covid-19.

Keywords: Storytelling. Pedagogical practice. Imagination and education. Education for Death.

1 ORBE INFANTIL E AS ALEGORIAS DO PASSAMENTO

Nesse sentido, é preciso aceitar o desafio de ressignificar as perdas, compreender que somos capazes de morrer várias vezes em vida e renascer num processo de reinvenção de nós mesmos (FOCHESATTO, 2011, p. 170).

O tão curto espaço do ‘era uma vez’ para falar da morte cinge uma tarefa inglória. O mesmo pode-se dizer da tentativa de analisá-la dentro da Teologia há uma afluência enigmática e emblemática de expressividades, especulações e representações. Também vale citar que em inúmeros contextos o passamento é invocado como algo unívoco de medo, mistério e perda. Poderíamos citar aqui inúmeros livros da literatura universal cuja temática ou a protagonista é a morte (personificada) como uma entidade sensível – a imagem do ceifador sombrio, a figura esquelética vestida de manta negra com capuz e portando uma foice/gadanha.

Assim, existirá no mundo universo mais mefistofélico do que o universo das chamadas histórias para crianças? Observe, por exemplo, que “a própria bruxa, vestida de preto, com seu nariz disforme e uma verruga na ponta, sua vassoura imensa e fálica entre as pernas, seu caldeirão fervilhante, não seria a encarnação do mal, a encarnação do próprio Diabo?” (FERRAZ, 2008, p. 4).

Neste trabalho, porém, nos interessa especificamente a figura da morte na Literatura Infantil. Dado o extenso e polêmico rol de centenas de publicações de críticos e teóricos, todos conceituados, o estudo de forma imprescindível e condição sine qua non ajusta um enfoque ao problema didático-pedagógico da literatura fúnebre com viés infantil; assim, algumas considerações são necessárias como o fato de muitos escritores de literatura relutarem em dizer que escreveram suas obras para crianças, como se a ideia de que a literatura infantil é sublitteratura, um gênero menor (CUNHA, 2003).

Não obstante, qualquer divisão terminológica para a literatura nesse contexto soa, no mínimo, com sintética e preocupante inflexão de censura. Parece estranho falar em Literatura Infantil, Literatura Feminina, Literatura Negra, Literatura Homossexual. Ou o texto é literatura que interessa ao leitor em geral, independente se esse for criança, adulto, mulher, branco ou negro, homossexual ou heterossexual... Ou não é literatura.

Esse ponto de vista é corroborado pelo ideal que “Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização” (COELHO, 1991, p.24). O assunto complica-se ainda mais pela dificuldade de conceituar a própria literatura.

Lajolo (2001) reporta que a Literatura pode ser um rabisco na parede, um poema de um apaixonado para a namorada, histórias de bruxas, estórias que uma mãe inventava na hora de dormir para o seu filho, poemas que jovens colocam na internet para os internautas lerem; ele termina sua explanação afirmando: “Aprenda então o vivíssimo leitor que ser ou não ser literatura é assunto que se altera ao longo do tempo e desperta paixões” (LAJOLO, 2001, p. 12-13).

Eagleton (2003), em sua obra Teoria da Literatura afirma que a literatura não pode ser de fato, definida ‘objetivamente’ e a definição de Literatura dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido. Ou seja, literatura é aquilo que o leitor denomina de literatura.

Nesse sentido, Coelho ainda esclarece:

Em se tratando de literatura Infantil, é preciso lembrar, de início, que além de ser um fenômeno literário ela é um produto destinado às crianças que em suas origens nasceu destinado aos adultos. Ou melhor, que certas obras que foram famosas como literaturas para adultos, com o tempo e através de um misterioso processo de adaptação, acabaram transformando um entretenimento para crianças (COELHO, 1991, p. 35).

Arendt (1999) em sua obra Eichmann em Jerusalém, diz que o mal foi banalizado na literatura infantil. Para a autora o mal se tornou vulgar e comum nas histórias para crianças, a ponto de não mais assustar. Todavia, na Literatura Brasileira muitas são as obras que tratam o mistério de morrer e se immortalizar. O folclore (as tradições orais como contos, lendas e mitos) evoca a morte em alegorias que marcam o surgir do guaraná, do milho, da mandioca, da vitória-régia e do boitatá.

Assim, o objetivo do estudo é compreender como a narrativa desse gênero específico da literatura da morte repercute no imaginário coletivo em vias da interação social de algumas bibliotecárias contadoras de histórias.

No rol de entrevistas com bibliotecárias escolares, se identifica algumas introjeções de saberes dos profissionais com o tema da morte; os relatos captam a prática de narrar histórias, estabelece alguns parâmetros de interação e mediação da informação.

A justificativa desse trabalho encontra aso nas representações e significados atribuídos às figuras alusivas à morte – interpretada à luz da Etnometodologia, que tem aproximação e aplicação no âmbito dos estudos da Ciência da Informação (CI). Também, o meritório depoimento dos profissionais da informação, que atuam em grandes Regiões do Município de Vila Velha, evidencia o paulatino âmbito da violência, intensificado pela forma abrupta com que ocorreram. Somam-se a isso, a alta vulnerabilidade social e elevadas taxas de mortalidade que agravam e não perdem a expressão no contexto da problemática urbana

municipal.

Em suma, contar histórias é se apropriar de lições e dos aspectos que a afiguração da morte representa na literatura. O surgir e avançar da pandemia da Covid-19 tornam a morte mais emblemática. É estarrecedor a sensação de que a vida se esvai rapidamente em consequência de uma crise sanitária sem precedentes.

As bibliotecárias entrevistadas, nos meses de maio e junho de 2020, atuam em diferentes Regiões Administrativas do município de Vila Velha. O número de profissionais acessados sofreu variação conforme disponibilidade e em consonância com o critério de saturação e as limitações imposta pela pandemia da Covid-19. Assim, este estudo adentra na esfera da morte tendo em pauta diferente enfoque da literatura e das histórias em quadrinhos (HQ).

2 INTERFACES DA MORTE E A INFORMAÇÃO: CONFINAMENTO É LEITURA

Na antiguidade, era posto que a morte era inevitável, e, portanto, ela não é representada como puramente má. Há relato que continuar eternamente a vida seria um peso, tal como o mito de Sísifo e de Prometeu. Indo além do arquétipo-lendário de Sísifo, abrolha na história o percurso de Catão de Útica – o qual tem na morte a afirmação da liberdade. Completando esse cenário Montaigne (1972, p. 128) argumenta que meditar sobre a morte é “meditar sobre a liberdade; quem aprendeu a morrer, desaprendeu de servir; nenhum mal atingirá quem na existência compreendeu que a privação da vida não é um mal; saber morrer nos exime de toda a sujeição e constrangimento”.

Sêneca (2016, p. 131) esclarece que “a duração da existência é um fator externo. O quanto deve durar a minha vida não depende de mim; o quanto vai durar verdadeiramente depende de mim” e, ainda, reporta:

A morte encontra-se entre aquelas coisas que não são efetivamente más, contudo, dão a impressão de um mal. O amor que a pessoa tem por si mesma é a vontade interior de perdurar e preserva-se, como a aversão à extinção [...] O que também nos indis põe com a morte é que já conhecemos estas coisas ao passo que aquelas para as quais faremos a transição desconhecemos – e temos horror do desconhecido. Além disso, é natural ter medo das trevas, como se crê, a morte há de nos conduzir [...]. Deve-se ter um desdém pela morte maior do que se costuma ter. De fato, passamos a acreditar em muitas coisas em relação a ela. Houve disputa entre muitos com talento para aumentar sua má fama (SÊNeca, 2016, p. 123-124).

Os apontamentos de Sêneca destacam que não é preciso preocupar em viver muito, só o suficiente. Dessa forma, se compreende que a morte é uma característica determinante do

homem que, tal fato não se limita a um derradeiro acontecimento, mas abarca a própria noção da vida; assim, pensar numa atitude de fuga diante a ideia de morte (a iminência do fim) não faz desaparecer a angústia, mas a reforça e a amplia (GUERREIRO, 2014).

A morte também é uma figura mitológica que tem existido na mitologia e na cultura popular desde o surgimento dos contadores de histórias. Na mitologia grega, Tânato seria a divindade que personificava a morte e Hades, o deus do mundo da morte. Assim, como nas cartas de tarô, o ceifador é personificação de um situar sombrio.

Nogueira (2020) argui que a morte é personificada, em muitas línguas, na forma masculina (como no inglês), enquanto em outras ela é percebida como uma personagem feminina (por exemplo, em línguas eslavas e neolatinas). Em alguns casos, essa personificação mostra que morte realmente é uma entidade capaz de causar a ceifa da vítima – assim o (a) Agente Morte se torna um Ser que pode ser subornado, enganado ou iludido (a fim de manter uma vida).

Outras crenças consideram que o espectro da morte é apenas um psicopompo (condutor de almas) e santa Muerte: uma personificação da morte segundo a cultura popular mexicana. Os mexicanos celebram e personificam a morte – o dia dos mortos (Day of the Dead) e Santa Morte (Nuestra Señora de la Santa Muerte) uma deusa resultante do sincretismo entre as mitologias católicas e mesoamericanas. A mitologia asteca, Mictecacihuatl zela pelos ossos dos mortos. Sobre eles salienta-se:

No México, a celebração coletiva que envolve pessoas de todas as classes sociais e de todas as regiões do país está ligada à festa de Todos os Santos e dos Fiéis Mortos. Ela é mundialmente conhecida como Dia dos Mortos e acontece de 31 de outubro a 2 de novembro na maioria das cidades mexicanas. No Brasil, dedica-se o dia 2 de novembro à memória dos mortos, no Dia de Finados. Nessas datas, as famílias mexicanas se reúnem para lembrar seus mortos e recebê-los em uma visita ao mundo dos vivos. Trata-se de uma tradição milenar, com origens na era pré-colombiana, na cultura das civilizações maia e asteca, entre outras, que foram dominadas e extintas a partir do século XVI, com a colonização espanhola. Esses povos ocupavam grande parte da América Central antes da colonização e acreditavam que a morte era apenas mais uma etapa da existência humana. Para eles, existiam diferentes lugares para onde alguém pode ir após a morte; o principal deles é Mictlan, governado por Mictlantechtli e Mictecacihuatl, o senhor e a senhora do Reino dos Mortos. Segundo essa crença, o destino após a morte depende mais do modo como se morre do que da conduta, boa ou má, durante a vida. E a vida não acaba com a morte: ambas estão contidas uma na outra e são forças de criação e regeneração (COUTINHO et al., 2018, p. 138).

Sengik e Ramos (2015) alegam que as discussões acerca da morte estão presentes no cotidiano de todos e, o tema da morte é tratado (e também se afigura como um real tabu) por produtos culturais que são destinados à criança, como se observa, por exemplo, em filmes e livros que tratam da finitude da vida. À semelhança de profissionais de saúde que têm a morte

em seu cotidiano, o mesmo ocorre com educadores e assim, o currículo escolar tem que ter a função de contribuir para a formação dos discentes priorizando temas relativos à vida – e no caso, a morte faz parte da vida, deve estar contemplada no currículo.

Kovács (2012) cita que um número significativo de educadores que pensam que o tema da morte deva ser abordado nas escolas, todavia há que se ter uma forma de preparada com várias propostas e projetos enfocando aspectos cognitivos - palestras, informações, esclarecimentos, supervisão; e emocionais - sensibilização frente a questões pessoais e cuidados psicológicos frente a essa temática.

O educador, diz Kovács (2012), deve se familiarizar com o tema da morte, tal como abordado pela literatura para a paragem pedagógica do tema morte – e nessa missão deve ajudar a criança a compreender melhor as circunstâncias que envolvam ausência, perda e fenecimento. Na literatura (mitos, lendas, contos, fábulas, ditados), levam um aspecto existencial para crianças.

Entre os temas difíceis ou fraturantes, está a questão da morte. Para Sengik e Ramos (2015), as inquietações que essa temática provoca remete a um contexto de guerra. Os diversos combates, batalhas e guerras constituíram-se em problema social de vulto e, com resultante, a explícita exclusão da vida torna-se rotina e imperativa. Em face de hostis contexturas incide a trivialização da questão social da morte; e no Brasil o drama da Covid-19 salga o amargor da tragédia naturalizada.

Já o contexto da produção da literatura científica sobre essa temática, e recorrendo a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), um Acervo de Publicações Brasileiras em Ciência da Informação dirigido pela a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) situam algumas abordagem que explanam a direção dos estudos desse tema (Quadro 1).

Quadro 1 - Abordagens da temática morte em revistas da Ciência da Informação

Tema – Abordagem	Autoria – Pesquisador	Ano
A morte do indivíduo	Campos; Venâncio, Torres,	2006
Representar a morte / capas, revistas.	Cerqueira	2007
Blogues – reminiscência pessoal; Dia dos mortos – memória	Matos, Zanella,	2009
Orkut – lápides virtuais; Atestados de óbito – documentos	Goulart, Pröglhöf Jr. Pedrazzi,	2013

¹ Diante disso, Ferreira e Silva (2021) alertam que aparecimento da Covid-19 e seu avanço acelerado expôs, em múltiplos confins, a crise mundial sanitária. No Brasil, as autoras alegam, o legado de políticas de austeridade expõe nas mais diversas narrativas de trabalhadores e trabalhadoras a premissa “Morrer de fome ou acometido pela doença”.

Suicídio e homicídio de jovens	Daemon.	2016
Mortes Severinas / literatura; Documentos Sensíveis (1964-1985)	Dallazen, Thiesen	2019
Papafigo / figura lendária; Tanatologia – campo científico.	Costa; Assef Neto, Silva, Silva, Guimarães; Lins	2020

Fonte: os autores, seleção em busca simples na base em Brapci.inf, maio 2020.

Assim, o tema Morte dentro da esfera da produção científica e no âmbito da CI os estudos envolvendo um rol de núcleos (Quadro 1) como: alteridade, arquivos pessoais de artistas plásticos, espaços de memórias, fotoetnografia, iconografismo (sepulcrário, campo-santo, cidades dos pés juntos, necrotérios), legado institucional, literatura infantojuvenil, reminiscências documentais, representação discursiva, tanatologia, violência urbana e virtualidade.

3 ETNOMETODOLOGIA E O APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Os estudos etnometodólogos não estão preocupados em apenas “descrever as ações sociais a partir dos relatos fornecidos pelos atores, mas procuram compreender como os atores reconstituem permanentemente uma ordem social frágil e precária, a fim de compreenderem e serem compreendidos” (GUESSER, 2003, p.163).

Ramos (2019, p.202) aponta a base estruturante da etnometodologia emana das ciências sociais, a qual se dedica ao estudo e a compreensão dos indivíduos durante a execução de “suas ações diárias, assim como os modos pelos quais estas ações expressam algum sentido. A realidade é construída de forma social pelos indivíduos, portanto parte constituinte das vidas cotidianas de casa pessoa”. Contudo, apesar da etnometodologia se propagar uma corrente bem estrutura e de densa literatura, há relativa incipiência no uso da etnometodologia no âmbito da Ciência da Informação.

Dumont e Ramos (2018) esclarecem que o sociólogo Harold Garfinkel foi pioneiro em idealizar o estudo etnometodológico nos Estados Unidos da América (EUA) para uma corte de jurados; e tal proceder expõe uma preocupação em se obter e instalar a coleta relatos de forma adequada (accountable) dos membros da corte. Portanto, pode-se concluir que etnometodologia é o estudo da lógica do senso comum (RAMOS, 2019).

Coulon (2005, p. 34), ao fazer uma síntese sobre a etnometodologia, afirma:

No lugar de formular a hipótese de que os atores seguem as regras, o interesse da Etnometodologia consiste em colocar em dia os métodos empregados pelos atores para 'atualizar' ditas regras. Isso as faz observáveis e descritivas. As atividades práticas dos membros, em suas atividades concretas, revelam as regras e os procedimentos. Dito isso de outra forma, a atenta observação e análise dos

processos levados a cabo nas ações permitiriam colocar em dia os procedimentos empregados pelos atores para interpretar constantemente a realidade social para inventar a vida em uma bricolagem permanente.

Bispo e Godoy (2014, p.113) argumentam que etnometodologia remete a efetivas práticas situadas e que o termo em si “refere-se à ‘metodologia de todo dia’, constituindo-se na junção de etno, que significa membro de um grupo ou o próprio grupo em si e metodologia que se refere aos métodos dos membros”. Para os pesquisadores, a etnometodologia é o procedimento de investigar como as pessoas desenvolveram e as operacionalizam a rotina, compreendendo vislumbrar as “maneiras habituais de proceder que são mobilizadas pelos atores sociais enquanto membros de uma sociedade ou grupo”.

Ramos (2019, p. 205) alerta que a etnometodologia situa uma realidade coeva erguida na vivência habitual de cada sujeito e em todas as ocasiões de seus construtos “pessoais, revistos e repensados durante o processo de comunicação e interação humana no meio social”. Para o autor, o estudo etnometodológico considera que a heterogeneidade de termos e de conceitos com os quais as pessoas comuns podem ser entendidas como sociólogas de si mesmas e de sua realidade.

Haguette (1995), Guessier (2003), Dumont e Ramos (2018) e Braga (2019) apontam que a etnometodologia permite o real entendimento de uma produção de uma ação social, a partir de um ponto de vista compreensivo. A etnometodologia é um instrumento que resgata o conceito de narração tópica de vida, que possui o foco no retrato de uma determinada experiência convvida e experienciada, no caso voltado a entonação de histórias, com realce para a relação das contadoras para o filtro morte em aplicações práticas.

Por meio da aplicação dos cinco termos chave da etnometodologia é a base para se analisar o tema ‘morte na literatura infantil’ (anexo A) pelo ponto de vista das contadoras de história de Vila Velha, participantes consideradas interagentes cardeais do estratagema investigativo, tendo por escopo compreender os significados que as envolvidas dão ao item documental sondado.

Ao se aplicar a estrutura etnometodológica (Quadro 2), validada em trabalhos de Dumont e Ramos (2018) e Ramos (2019) , que adapta e valida a abordagem para o âmbito de interesse da CI. Assim, primar por uma observação do objeto de pesquisa é situa os estudos de natureza etnometodologia como técnica e referencial (DUMONT; RAMOS, 2018).

Quadro 2 - O construto de termos chaves no preparo de pesquisas etnometodológicas

Termo chave	Indicativos dimensionais para o construto
Ações práticas ou realização:	Indica a experiência e as realizações práticas dos membros de um grupo em seu contexto cotidiano. Dessa forma, se deve acessar e entender o contexto e o cotidiano, entender a interpretação a ação como um fenômeno social construído pelo leitor habitual. Compreender-se assim que a leitura requer prudência para averiguar o (re) construir, (re)descobrir e (re)significar seus atos praticantes.
Indexalidade Indicialidade:	Expressa tudo aquilo que envolve uma palavra, um termo ou uma situação. Isso porque uma mesma palavra pode exibir um significado de modo genérico, mas também um significado distinto conforme o contexto. Aplicada ao ato pratico, comporta verificar como e o quê as falas compartilham (reconhecer falas, conversas, indagações e outras manifestações figurativas), bem como as relações estabelecidas entre a apropriação de alguma falas e a reaplicação das mesmas, em contextos reais.
Refletividade	O melhor exemplo do princípio ação – reação aplicada. Refere-se a uma ou mais práticas (como discursos ou ações sociais) de um grupo e sua força ou influência sobre seus membros. Uma mesma ação apresenta nuances e particularidades que podem ser analisadas no intuito de se entender a realidade social do leitor. Quando então se referem à leitura empreendida, elas se mostram capazes de apontar as marcas existentes no e com o seu ambiente social.
Noção de Membro	Um membro é o ator social que compartilha a linguagem de um grupo, ainda que possa não pertencer ao mesmo ou dividir os mesmos espaços geográficos. A noção de membro permite descrever e analisar as ações sociais de um grupo de pessoas que exibem em comum uma ou mais determinadas características que se deseja estudar. Os contadores de histórias também são membros do grupo de ação, já que se mostram aptos a reconhecer elementos inerentes do mesmo, como personalidades (posturas, interações e motivações), onde se torna possível verificar a introjeção do conhecimento através do ato da leitura. Exemplo é incorporado a diálogos corriqueiros da vivência.
Relatabilidade Accountability	Compreensão quanto ao modo como os atores descrevem suas atividades, através de referências de sentido e de significado que possuem. Garfinkel acreditava que a relatabilidade é a realização prática dos atores sociais em interação, ou seja, quando se verifica o compartilhamento de ações mútuas, tornando evidente o senso comum. Quanto contadores de histórias, destacam-se aqueles que foram capazes de estabelecer um ou mais paralelos entre a leitura realizada e momentos específicos de suas vidas. Esses relatos são a comprovação da introjeção do conhecimento por parte da sua atuação.

Fonte: os autores (2021), com base em Ramos (2019).

Assim, a situação da rotina profissional espelha percepções num amplo rol das narrações holísticas e pessoais – o que ostenta a conectividade do labor, o ato de cidadania e o temperar de um fio de prumo diante o desconcerto da realidade. De tal modo, tomando em pauta o importante papel dos contadores de histórias, no momento da Pandemia da Covid-19, e ainda os dilemas e perplexidade que a morte sonda na arquitetura do senso comum torna viável a abordagem etnometodologia nesse estudo .

Nessa via, a investigação e prática epistêmica ocorrem junto a bibliotecárias contadoras de histórias da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), atuantes em Biblioteca Escolar Infantil na cidade de Vila Velha, Espírito Santo. No caso de uma pesquisa qualitativa, no critério de seleção da amostra se identifica do perfil dos profissionais atuante com arte de contar histórias da morte e não há uma preocupação de quantificar essa amostra, pois a pesquisa tem um caráter subjetivo. Do mesmo modo, conjunto de sujeitos da pesquisa

Revista Fontes Documentais. Aracaju. v. 04, n. 01, p. 07-26, jan./abr., 2021 – ISSN 2595-9778

foi definido pelo critério de acessibilidade. O critério de inclusão envolve a formação em biblioteconomia e experiência e atuação, de três ou mais anos, com a atividade cultural, educacional ou terapêutica de contar histórias.

Assim, a região RMGV envolve um representativo número de profissionais, contudo o cerceamento de um repertório sobre a morte especificamente limita as intuições do conhecimento e literatura. Adota-se na exposição da pesquisa a codificação de ‘Trip’ – por questões éticas e legais assinaladas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de participação na pesquisa, que expressamente garante o anonimato dos membros e o entendimento da temática da pesquisa. Concluindo o aceite do participante se situam três entrevistas, as quais envolvem bibliotecárias atuantes e autoridades no âmbito de ensinar, fazer e agir para a multiplicação da arte de contar história.

De modo a atestar como se procede, em termo e particularidades, foram solicitadas as entrevistas que descrevessem algumas situações em que realizam na prática a exposição da causa ‘mortis’ em exposição da contação de histórias para crianças – a representação da Morte que se metaforiza na oralidade. Após esse relato, as contadoras deveriam também apontar a ligação que se estabelecia entre o conteúdo de uma história e a revocação dessa leitura, em determinadas experiências, percepções ou atitudes praticadas no seu dia a dia, conforme preconiza Ramos (2019).

Destarte, as contadoras de história selecionadas para a entrevista, no período de maio e junho de 2020, são bibliotecárias como forte atuação em bibliotecas públicas, escolares e comunitárias nas principais Regiões Administrativas do município de Vila Velha. Para fins de explicitação, foram selecionados três atuantes agentes de diferentes regiões, ou seja: i) a Região 02 (Grande Ibes) situa declarações de Trip McGonagall; ii) a Região 04 (Grande Cobilândia) a representante é a Trip Maria; e iii) da Região 05 (Grande Jucu) acolhe os depoimentos da Trip Mônica.

Diante esse âmbito, a pesquisa pauta diferentes abordagens da literatura e das HQs situando a representação da Morte. Os relatos situam a seguinte configuração:

- Os contos de Beedle – o bardo, em que Joanne K. Rowling traz a pauta à morte no conto dos três irmãos (momento de perdas; falece Anne - mãe de Rowling).
- Maria Morte, de Tânia Bailão Lopes – aponta que todos temem a Maria Morte e percebem que, afinal, a morte faz parte da vida.
- Dona Morte da Turma do Penadinho, de Mauricio De Sousa – situa uma figura protagonista e quase amigável nas histórias, tem um capuz preto e uma foice

na não levando as almas para o Além.

Morse et al. (2002) argumenta que definido com vistas ao acúmulo de experiências como fonte para se medir o ponto em que informações obtidas, a saturação se instaura quando se observa que novos depoimentos pouco ou nada mais são capazes de sobrepor em termos de relevo à questão ou aos fins de pesquisa. Para o pesquisador, o número de depoimento colhido se definido com vistas ao acúmulo de experiências e, se estabelece como fonte que abaliza o ponto em que novas informações obtidas pouco ou nada mais são capazes de sobrepor em termos de relevância à questão ou aos fins de pesquisa.

4 INTERLOCUTORES, APONTES E REFLEXÕES SOBRE A INTERAÇÃO

A etnometodologia para Maciel, Lima Junior e Cappelle (2014) se desponta como ferramenta para compreendermos as construções sociais que permeiam a comunicação. Assim, com observação aos atos e diálogos explanados pelos interlocutores, principalmente diante das lives, videochamadas e áudioentrevistas, buscou-se acessar eixos fundamentais da intrepidez, ousadia, coragem, ânimo, sobretudo as atitudes e provocações das contadoras de histórias, em suas conjunturas e biografias.

4.1 RELATO DA BIBLIOTECÁRIA ATUANTE NA REGIÃO DA GRANDE IBES

Contadora de história: ‘Trip McGonagall’ (nome fictício); Idade 32 anos; atua na RMGV e em especial na capital Vitória – ES; múltiplas histórias são referenciadas, com jactância para as relíquias da morte (presente ofertados na figura de varinha mágica, pedra da ressurreição e capa da invisibilidade) – isto é a fábula dos três irmãos e tem com protagonista a figura encapuzada da Morte (anexo B). Assim, com o enfoque se verifica o construto a seguir:

Quadro 3 - Termos chaves da etnometodologia no depoimento de ‘Trip McGonagall’

Termo	Aplicabilidade dos termos chave aos relatos
Ações Práticas / Realização	A interagente faz uma interpretação literal e teatral de uma imagem personificada a Morte como atitude humana bem ao estilo era uma vez e perigos - relata que a figura da morte bloqueia os caminhos, e se sente traída, é perspicaz, pergunta, segue, tem má vontade e é humilde. A morte leva as criaturas e as procura, mas também ela é acolhida como amiga e tem igual paridade com o humano. E, procurando (re)construir os ditames da morte e toda a sua simbologia - diz que a vê na prática como um uppercut [golpe lançado para cima] para todos.
Indexalidade .indicialidade	Um hábito apontado como que de costume por esta interagente é o de saber se “[...] recolocar no status dos personagens”. Isso evidencia o processo de estabelecimento de uma relação entre a prática de entornar a voz, e causar interesse e perplexidez. Há senhores e liberdade entre nós e, isso se demonstra no ato de assimilar o tamanho da perda, os xeques mates da vida, os cruza o caminho da vida e faz dela arte que é.

Reflexividade	O testemunho da interagente evidencia a trajetória com nativos digitais, que vai desde a leitura realizada em creches e pré-escolas até um público infanto-juvenil mais preparado a recepcionar o tema, diz que gosta de chamar a atenção de jovens leitores e como um ser que questionar em nível intrapessoal a concretude dos mistérios da vida, da existência, das moléstias, da sucumbência que há de correto e incorreto na questão justificada que o ato de ceifar traz.
Noção de Membro	Averigua-se a introjeção do saber no depoimento quando se mostra que compreender os motivos e descaminhos que cada irmão mago toma, o exercer de juízos ao falar da figura dramática. Em suma, diz ela: isso endossa o que não era controle, o que podemos ser, o gerir e o gestar preconizado. A respondente aponta a tatoo (tatuagem geométrica), e diz: amo tanto isso que levo as relíquias na minha pele para sempre e, logo isso exhibe ar humano, a morte tem capa e sinuosa tortuosidade a inteligência, é o que – mister no fabular.
Relatabilidade (Accountability)	A experiência contar essa história para adolescentes é apreciada pela entrevista, que alega que nem um dos três irmãos foi inteligente o suficiente, para o público deveriam ter pedido imortalidade, pois seria uma excepcional forma de se livrar da morte. A perspectiva ímpar dessa entrevistada estabelece paralelos com outros temas místicos e hedonistas que surgem no mundo digital e em tal lenda ressoa como hino, diz. A introjeção de informações ocorreu na medida em que a interagente, tendo por base o saber comunicar e refazer releituras banca que a encapuzada da Morte atua no mundo real – a aptidão pondera e refleti o percurso, e simpatiza a dor que ela puncciona, pulsa em subseqüentes rudimentos dessa era – painel covid19 frisa – que todos pagam

Fonte: elaborado pelos pesquisadores (2020), com base em Ramos (2019) e na transcrição das entrevistas.

Nessa entrevista, descontraída, a interagente reporta que durante a contação de histórias ela se coloca no lugar da Morte e diz: “as Relíquias são os três itens mágicos de grande poder e valor, que fora criado pela própria Morte: a Varinha das Varinhas, a Pedra da Ressurreição e a Capa da Invisibilidade. Assim, juntos os itens tornam seu possuidor o Senhor da Morte e imortal”. E assim complementa: “nossa, será que seria o certo? Acho que eu nunca vou ficar velha’ e ainda eu me pego a refletir cara a cara nos mistérios, e entender que a perda e pedras afiguram a louca nave vida” [escancara um sorriso] e fala: “coloca no trabalho o trecho que Hermione Granger conta para o Harry Potter o conto dos três irmãos, as relíquias da morte”.

Assim, finaliza a entrevistada: “Eu não vou sucumbir, e muito mais que isso a morte representa na sociedade e no contexto da literatura infantil” e [pausa a fala e pontua]: “anjo do abismo (psicopompo), algo a ceifar (gadanha, alfanje, foice), cavaleira do apocalipse (monta o cavalo baio), fecho (corte do fio), padecimento (apagar a chama), pena capital e tristura”.

4.2 RELATO DA PROFISSIONAL NA REGIÃO DA GRANDE COBILÂNDIA

Contadora de História: ‘Trip Maria’ (usam-se nomes fictícios, de forma a preservar as identidades das participantes), tem 43 anos e atua na Região da Grande Cobilândia. A entrevista relata um vasto rol de histórias tendo a Morte como protagonista e, cita que a afiguração da morte é herdeira de aspectos femininos. Para essa contadora as crianças tecem um paralelo da morte com o imagético da caveira e das sombras – e somam substantivos como deusa, dama, dona, senhora, rainha.

A fala da entrevista apresenta diversos traços e afinidades com o discurso filosófico e religioso e com narrativas mitológicas; certo momento comentou sobre a atuação na igreja contando histórias: “a bíblia tem muito a nós ensinar sobre a morte, e no templo religioso é importante falar da finitude”.

A entrevistada afirma ter uma vasta bagagem com a temática da morte, aponta que é preciso talento para lidar e suavizar situações difíceis; citou que foi preparada ao longo da vida, não o encaminhar dessa habilidade durante a graduação. Entretanto, durante o bacharelado participou de atividades de extensão universitária no Grupo Experimental de Contadores de História da Universidade Federal do Espírito Santo (Gechufes).

Assim, nos diálogos da bibliotecária escolar sobressai em especial a personagem ‘Maria Morte’ – história de Tânia Bailão Lopes. Desse modo, analisar discursos não é um patrimônio da linguística, mas um preceito da etnometodologia.

Quadro 4 – Termos chaves da etnometodologia no depoimento de ‘Trip Maria’

Via	Aplicação das determinantes chaves aos relatos da contadora de história (Vila Velha)
Ações Práticas / Realização	A contadora diz que foi tão impactante quando conheceu a obra Maria Morta, que a diz para si mesma essa é um convite do etéreo para promulga à vida, e sim, a história é uma interpretação de falas que trazem alívio. E, ao evocar o alívio da vida ela o faz e acaba por conferir uma significação muito pessoal, tomando para si as falas da Maria Morta e se posicionando a favor da mesma, defendendo a sua trama e confirmando que se fosse à escritora da obra teria o mesmo olhar por acreditar que a forma da Mulher é agilidade que faz da morte um ser de dualidades – forte e sutil / suave e arbatadora.
Indexalidade indicialidade	Para expressar a quão entusiasmada ficou com o relato da história Maria Morte a interagente compartilhou um trecho decorado do livro, mais especificamente de algumas situações que a figura da personagem Maria Morte transmite. Para ela, a figura cativa em especial às crianças menores, de forma simpática. Seu relato explicita a sua relação como leitora junto a uma personagem de situações inerentes ao ato de viver a vida e ter na morte sabedoria para aceitar seus dilemas
Refletividade	A história Maria Morte desencadeou uma reação de singularidade emotiva à contadora, uma vez que perdeu um vizinho com a covid19. O afincio por essa trama em específico, faz com que a interagente enxergue as dificuldades dos vizinhos com filhos pequenos a lidarem com a perda de avós e avôs, e em alguns; essas posições e escolhas de confinamento e em distonia com o rompimento da rotina regular em sala de aula, pois atua como pedagoga. Mostra-se a sua própria maneira de ver o mundo, e no qual relatou que conversou tal historinha com sua terapeuta [psicanalista] atestando o dilema invisível.
Noção de Membro	A interagente se mostrou um pouco angustiada em reconhecer vários personagens que trazem um tônus de luz para a questão da morte e das perdas – Tony Stark, Capitão América, Mulher-Invisível – e até alguns o sofrimento, para as crianças e uma forma de aprender que a vida é feita de passagens, e que nada é eterno, que tudo se transforma, que não há certeza, frisa. Em suma se mostra reflexiva e destaca o papel de Maria Morte, Maria Morta, brinca. Para a entrevistada, o que vale para a introjeção das informações aos ouvintes desse gênero é ter sensibilidade em expor, em incorporar outra voz à personagem sem trazer algo macabro, sem assustar, mas causar entendimento que a vida é um arte e nesse palco se costura Marias e memórias, mortos e a vida, como é, diz.

Relatibilidade (Accountability)	A contadora estabeleceu um paralelo interessante entre a espiritualidade e a religião, com destaque ao posicionamento da personagem diante dos dilemas por ela vividos numa era assolada pela epidemia corona vírus, e aquilo que seria a sua própria atitude de auxiliar a sua comunidade, seus alunos, em face de uma transfigura vivida pela personagem. Ocorreu, portanto, a introjeção de saberes, uma vez que se constata a fala de Maria Morta é reconhecer ações, atitudes, posturas e decisões da figura feminina que se vale da morte para lidar com instâncias existenciais, crises existenciais, fobias [...] Isso traz um ponto angular afirma, ao final de seu depoimento, a sua identificação com o arquétipo e com as posturas adotadas pela personagem e predizer que a vida é feita de tramas.
------------------------------------	--

Fonte: os autores (2020), com o resgate documental da entrevista realizada, jun. 2020.

Em entrevista, ‘Trip Maria’ questionada sobre como é contar histórias de morte com o público infantil reportou o seguinte: “Eu sempre gostei dessa trama [...] me visualizo numa missão, é isso que faço com tons de energia em Maria Morta [...] Eu sei, sinto que acolho isso na alma”. Com pausa e suspiros arremata: “realmente me identifiquei, faz crê em certezas de outras Marias, e tal significação é história de vida, lembro Inês de Castro [risos...] a nobre galega que reinou em Portugal depois de falecer.”.

Nos diálogos, a interagente introjeta as informações da literatura infanto-juvenil com o dilema vida, e os interpreta para aplicação ou reconhecimento em aspectos de conviver, estimular, entreter, provocar seus ouvintes. E, assim, arremata que a morte está além da literatura, está nos filmes e novelas, circo [globo da morte] e cemitérios [capela mortuária], nos sonhos e pesadelos, – é trágico e belo.

4.3 RELATO DA PROFISSIONAL ATUANTE NA REGIÃO DA GRANDE JUCU

Contadora de história: ‘Trip Mônica’ (nome fictício); idade 48 anos; atua na região de Serra e peculiarmente em instituições públicas, privadas e comunitárias de Cariacica, Serra e Viana; múltiplas são as histórias relatadas, com ênfase para a personagem Dona Morte (criação de Maurício de Sousa). Nessa via, com a dimensões etnometodologica se verifica que:

Quadro 5 - O Termos chaves da etnometodologia no depoimento de ‘Trip Mônica’,

Termos chave	Aplicação das determinantes chaves aos relatos da contadora de histórias.
Ações Práticas / Realização	Dona Morte foi apontada como um dos personagens preferidos desta contadora de estórias, como letra ‘e’ mesmo como ela diz; e senhorita de muitos causos mal-assombrados se diverte. A interagente assevera sua paixonite por histórias em quadrinhos e temas do folclore e ser ufanista prática. Releva que a caracterizar a morte como dona é dar um ar de brasilidade. E, bem humorada cita dona Benta, dona Redonda, dona Beija, dona Flor, dona baratinha com dinheiro na caixinha, dona Maricota, dona Joaninha, dona Chica um repertório vasto e formidável, é claro, diz. E ainda recauchuta apreço a Turma do Penadinho, e diz que da Morte é ter respeito e não é ter empáfias.
Indexalidade ou indicialidade	A paixonite a qual a contadora se refere é uma adaptação ao contexto e dinâmicas que a Dona pode aturar, e o significado evocada por indexalidade ou indicialidade diante a interagente remete ao peso e a relevância para ai vida, para predileção de reverências.

Reflexividade	A interagente se diz perplexa com o contexto o que é retratado na história em quadrinhos distando à paixão que sente por Dona Morte – figura feminina que transforma a vida prática, que tem diálogos com guardiões do céu e também uma faceta par conduzir atos.
Noção de Membro	A contadora configura fala com vigor das HQ – sendo ótima opção para se contar histórias e isso é carregar o significado emblemático dos desejos, da inspiração de si próprio e que sentiu forte emoção quando Dona Morte acolhe o drama do incêndio no Museu Nacional.
Relatibilidade Accountability	A entrevistada faz via de associações diversas, gosta muito de personificá-la a morte numa figura, na ideia de arquétipo ou um estereótipo da comunicação entre os mundos, e se identificando a Dona Morte também tem dilemas, conversa, condiz aprendizagens vastas e aceitando por moral e éticas as tessituras da vida. O saber introjetado se faz presente pelas emoções expressas que a interagente explana na Dona Morte e o que corrobora para veja a vida com naturalidade e os experimentos têm um toque de premunção e reverência.

Fonte: elaborado pelos pesquisadores (2020), estrutura baseada Ramos (2019) e nos depoimentos.

Como se aponta na ilustração acima (Quadro 4), a entrevistada além de bem humorada é extremamente ufanista, diz que é como Visconde de Sabugosa (Sítio do Pica-Pau Amarelo) – esbugalha conhecimento e sabedoria de biblioteca, contudo, não tem magia na cartola e nem morre de obediência à Emília, e respeito a Dona Morte. A interagente ainda costura que trama falando que é uma aventura narrar às renações da finitude e do derradeiro urro da vida terrena, não é tão insuportável a dor mais se vista como mazelas da vida terrena, traz algum sentido.

Destarte, Antero de Quental poeta para quem a ideia de Morte se assumia numa dupla face, pessimista e negativa, aconselhava que: “saibamos compreender a Morte, que é a única maneira de sabermos compreender a Vida e de sabermos viver” (QUENTAL, 1991, p.79). Grosso modo, com a abordagem etnometodológica foi possível apreender, pelas declarações e análises, fazer interconexões da importância de se contar histórias diante o aumento da convivência familiar e que, de certa forma, remodelam a participação da família nas atividades escolares, lúdicas e domésticas das crianças.

Trip Mônica argumenta que ao se colocar no lugar do personagem, ela sente “suas decisões e enredos [...] a gente de certa forma expõem valores, motiva vidas [Entrevistador: e você entende a Dona Morte não é um ser belo?]: mais ou menos, eu não justifico a moral da história sem termos estéticos [...] a criança autocompila a situação e promove independentemente conexões; eu formo protagonista e o belo está nos olhos de quem vê – a personagem é feminina e ao longo das outras HQ está como salto, batom ou grávida, imagina isso! [risos]”.

Figura 1 – A Dona Morte, arte criativa de HQ de Mauricio De Sousa



Fonte: os autores, montagem como imagens disponíveis na web, julho 2020.

Assim, a outorga ao interagente de uma maior participação no texto, possibilitando-lhe concretizar a obra por meio de várias interpretações (ISER, 1996) e, portanto, há na prática da leitura de textos literários uma maneira de elevar a consciência ativamente, realçando o seu papel na investigação de significados. Diante esse postulado, Ramos (2019) também aponta que a etnometologia carrega a valorização de sentidos ao ato de situar leitura e compreensões – situar o consciente até com textos de ficção.

Dessa forma, se salienta que “difícil é falar da morte para crianças, eu interajo naquilo que acredito ser o certo e a galera pede bis, sabe? Acho tão bonitinho [...]”. Em seguida, aponta que apesar da adversidade que estamos vivendo “a figura da Dona Morte é bem melhor entendida que falar de entreténs de Deus como Anúbis, Ament, Azrael, Átropos, Cizin, Hades, Hela, Kala, Kali, Mors, Thanos, Thânatos, Giltinê, Yama, Yanluo, Grim reaper, Proserpina, Plutão e Ereshkigal”.

Destarte, em diversas ocasiões do dia a dia, é plausível incluir as construções sociais que permeiam as ações habitais, como em diálogos, gestos, declarações e nas composturas de elocuições, dentre outras. Assim e em consonância com o critério de saturação – onde outros interagentes da especificidade dessa temática adentram em iguais e pontuais questões – o número de três autoridades exploram aspectos necessários dado que a especificidade da temática envolve uma atmosfera singular e limitante de histórias.

5 UM EPÍLOGO

Quem me dera pudesse fazer uma magia para nos tirar desse confinamento, que pudesse fazer todos sentirem a chuva cair. É hora de contar histórias às nossas crianças, de explicar a elas que não devem ter medo. Não sou um pregador do apocalipse, o que tento é compartilhar a mensagem de outro mundo possível. Para combater esse vírus, temos de ter primeiro cuidado e depois coragem (KRENAK, 2020, p.8).

Essa pesquisa, particularmente, ao adotar a etnometodologia, viabiliza um projeto de lançar e identificar novas possibilidades de aplicação, e assim compreender sobre uma abordagem interdisciplinar acerca do trabalho das contadoras de histórias. Sondando as percepções e expectativas, o diagnóstico etnometodológico aquilata possíveis competências, do interagente em expor, articular e manifestar as informações adquiridas na práxis.

O estudo tem objetivo de entender como a narrativa e leitura do gênero específico – afiguração da morte na literatura infantil – repercutir no imaginário das bibliotecárias contadoras de histórias, profissionais atuantes na região da Grande Vitória, Espírito Santo, Brasil. Por vias das entrevistas semiestruturais se constata a presença de mulheres que exibem a predileção por essa atividade.

A sondagem se realiza como um elemento de acesso – seleção de interlocutores acessíveis em expor e provar informações, definições, ideias e conceitos de causalidades dos acontecimentos. As entrevistadas atuam no serviço de referência de bibliotecas públicas, escolares ou comunitárias e, reportaram que tal trabalho é um alento da alma (pontuando que a ambiência da biblioteca traz humanidade, acolhimento e cidadania).

Foram associadas às respostas fornecidas pelas interagentes os termos chave etnometodológicos; e essa via, para Dumont e Ramos (2018), acaba por não somente exemplificar seu uso, mas também apresentar o maior embasamento e repercussão dos fundamentos da etnometodologia. Ao analisar os depoimentos coletados, se identifica elementos de análise que situam a questão da morte nas histórias e HQs como entidade feminina tenebrosa de poder, ditando perspectivas de cuidado com a vida e destinação derradeira da mesma e, mantendo misticismo e seriedade.

Sendo assim, é por via da compreensão da prática leitora que as contadoras de história tornam viável o ato de introjetar sentido a em suas vidas e dos outros, afinal aponta ‘Trip McGonagall’ – “contar história é pautar um platô que engendra o fazer e o emergir de sentimentos, emoções e afetos [...] No ranking (Top Ten Best) de Canais [vídeo YouTube] do Brasil tá lá a Pintadinha Galinha” e assim complementa: ‘no Internetês, YouTubers da leitura proferem – Carpe Diem...Yolo!’ (sic.). E por fim, a entrevistada cita o pensador francês La Rochefoucauld dizendo que não é possível olhar de frente nem o sol nem a morte – a visão de ambos, sem mediações, nos causa danos indeléveis.

Já ‘Trip Maria’ reportou que a Morte e as Vidas são essências: esta, por ser território da “subversão da arte e da dádiva; aquela, pelos mistérios que a ciência ainda não conseguiu explicar – o derradeiro suspiro de vida ou instantâneo flashback relembra, transforma, motiva

e liberta o Ser”. Contudo, a entrevistada reporta que falar de morte gera controvérsia e polémica - alguns educadores alertam não estarem preparados; e outros alegam que os livros são mero projeto educativo (feitos por encomenda) do que de fato literatura.

A interagente ‘Trip Mônica’ declarou que homens e mulheres podem exercer um papel de representatividade na contação de histórias, tendo uma referenciação comunicativa e crítica das narrativas que servem para empoderar e entreter o público (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) estimulando um ambiente de territorialização da cultura da paz e cidadania. Assim, a entrevistada conclui que a morte, em geral, não ocupa a finalidade central de uma trama narrativa, mas é elemento tangencial e torrencial para se pensar em mudanças e rever valores, redirecionamentos e consequências dos atos. Portanto, o processo da morte que se metaforiza nas histórias da vida.

A construção de diálogo profícuo e longo entre a etnometodologia e a CI é viável e, no que tange a futuras pesquisas de natureza qualitativa envolvem os modernos profissionais da informação (MIP), com vistas a fortalecer (debate e controvérsia) e reconstruir melhorias nas realidades que atuam – afinal, produzir sentido para a informação é a essencial substrato da CI, e em suas vias há um vasto rol de medicamentos para se pensa a ciência, a arte, as inovações, a humanidade, a tecnologia e o lazer.

Apesar dos inúmeros feitos negativos que da Covid-19 no seio social o contar histórias, a literância familiar, as brincadeiras com os pais e outras formas de entretenimento redimensionam a forma de pensar e lidar com a morte. Não está sendo fácil e isso consolida pari passu com o determinístico relaxamento da ação cultural – o que afeta a vida de todos. Logo, envolta por um manancial educacional a postura política das bibliotecárias está em remodelar a arte de contar histórias para por fim ao 'silêncio absoluto'.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BISPO, Marcelo de Souza; GODOY, Arilda Schmidt. Etnometodologia: uma proposta para pesquisa em estudos organizacionais. **Revista de Administração da Unimep**, Piracicaba, v. 12, n. 2, p. 108-135, 2014. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/download/32201>. Acesso em 17 abr. 2021.

BRAGA, Victor Eduardo Bijos Jardim Gomes. **De Tinhorão a Caetano**: processos de contextualização no programa Roda Viva. 2019. 354 f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade NOVA de Lisboa: NOVA, Lisboa, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/71120>. Acesso em: 11 fev. 2021.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 1991.

COULON, Alain. **La Etnomedotología**. 3 ed. Madrid: Cátedra, 2005.

COUTINHO, Rejane Galvão; FUSCALDO, Arthur Iraçu Amaral; BRONIZESKI, Camila; COUTINHO, Christiane; PIMENTEL, Luiz. **Se liga na arte**: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2018. Disponível em: https://pnld.moderna.com.br/divulgacao/se-liga-na-arte/dvd/se_liga_na_arte_8_ano/conteudo/seliganaarte8.pdf. Acesso em 8 mar. 2021.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: teoria & prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; RAMOS, Rubem Borges Teixeira. A leitura de histórias em quadrinhos da Marvel e da DC Comics e a etnometodologia: relevância e desdobramentos. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 188-205, set. 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pci/v23n3/1413-9936-pci-23-03-00188.pdf>. Acesso em 25 abr. 2021.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Martins Fontes, 2003.

FERRAZ, Salma. O diabo na literatura para crianças. **Linguagens**: Revista científica dos cursos de Letras, Artes e Comunicação da Universidade Regional de Blumenau (CCEAL/FURB), Blumenau, v. 1, n. 3, p. 220-238, 2007. Disponível em <https://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/Vertentes34/Salma%20Ferraz.pdf>. Acesso em 15 abr. 2021.

FOCHESATTO, Waleska Pessato Farenzena. A cura pela fala. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 36, p. 165-171, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n36/n36a16.pdf>. Acesso em 11 abr. 2021.

GUERREIRO, Emanuel. A Ideia de morte: do medo à libertação. **Diacrítica**: Revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, v. 28, n. 2, p. 169-197, 2014. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/dia/v28n2/v28n2a12.pdf>. Acesso em 02 maio 2021.

GUESSER, Adalto Herculano. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. **Em Tese**: revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 149-168, 2003. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13686>. Acesso em 17 abr. 2021.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**, Petrópolis: Vozes, 1995.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

KOVACS, Maria Julia. Educadores e a morte. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 71-81, jun. 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/08.pdf>. Acesso em 17 abr. 2021.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitores & Leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

MACIEL, Henrique Rezende; LIMA JUNIOR, Paulo de Oliveira; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves. Etnometodologia: uma revisão sistemática sobre o tema em bases de dados da web. **Revista FSA: Faculdade Santo Agostinho, Teresina**, v. 11, n. 2, p. 70-83, 2014. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/viewFile/360/319>. Acesso em 17 abr. 2021.

MORSE, Janice Margaret; BARRETT, Michael; MAYAN, Maria; OLSON, Karin; SPIERS, Jude. Verification strategies for establishing reliability and validity in qualitative research. **International Journal of Qualitative Methods**, Edmonton, v. 1, n. 2, 2001. Disponível em <https://journals.library.ualberta.ca/ijqm/>. Acesso em 13 abr. 2021.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. São Paulo: Abril Cultural, 1972. 504p. - (Os pensadores 11)

NOGUEIRA, Adelson Santana. **O Devorador De Pecados**. São Paulo, Clube de Autores, 2020. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=gTL7DwAAQBAJ&hl=pt>. Acesso em 24 abr. 2021.

QUENTAL, Antero Tarquínio de. Filosofia da Morte. *In*: QUENTAL, Antero Tarquínio de. **Ensaio sobre as bases filosóficas da Moral ou Filosofia da Liberdade**. Lisboa: Editorial Comunicação, 1991. p. 79-80.

RAMOS, Rubem Borges Teixeira. O que dizem as leitoras de histórias em quadrinhos de super-heróis sobre essa leitura. **Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura**, v. 1, n. 2, p. 198-224, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/139380>. Acesso em: 11 jan. 2021.

ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SÊNECA, Lucius Annaeus. **Edificar-se para a morte: das Cartas morais a Lucílio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto. Literatura como instrumento de discussão acerca da morte. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 41, p. 119-126, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n41/n41a09.pdf>. Acesso em 22 dez. 2020.

SILVA, Anny Karollyne Costa da; FERREIRA, Adriana Cristina Deiga Xavier. Ensaio acerca da anunciada tragédia brasileira: a crise do capital e o aprofundamento das desigualdades em tempos-espacos de pandemia. **Serviço Social em Perspectiva**, Montes Claros, v. 5, n. 1, p. 09-31, 16 jan. 2021. Disponível em <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/3405>. Acesso em 29 abr. 2021.

Recebido/ Received: 24/01/2021 / Aceito/ Accepted: 22/03/2021

Publicado/ Published: 30/04/2021



Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-SA 4.0)

ANEXO A – O Conto Dos Três Irmãos (as relíquias da morte, o trecho)

Autor	Livros de literatura	Ano – Ed.
Agné Bruzienené	Quando abro os olhos	2015
Aline Abreu	Menina Amarrada	2013
Ana Saldanha	Gato Procura-Se	2015
Ângela Cervantes	Viva: A Vida É Uma Festa	2018
Ângela Lago	Sete Histórias Para Sacudir O Esqueleto	2002
Ângela Leite de Souza	Borbofante	2014
Anna Llenas	Vazio: a vida é cheia de encontros, e também de perdas.	
Antoine De Saint-Exupery	O Pequeno Príncipe	2015
Babette Cole	Caindo Morto	2005
Benji Davies	A Ilha Do Vovô	2017
Brigitte Weninger	Adeus, Chupeta!	2008
Britta Teckentrup	Árvore Das Recordações / Árvore Das Lembranças	2014
Carlos Drummond De Andrade	A Poesia Que Brinca Com A Morte: A Carne Envilecida E Desligamento	1996
Ceci Baptista Mariani	As Meninas, A Vovó... E A Saudade De Quem Foi Pro Céu	2012
Celso Sisto & Anna Cunha	Agora Pode Chover	2018
Claudio Fernando Lucio	Uma Lenda, Das Férias Do Senhor Morte	2008
Dalton Trevisan	Morte Na Praça	2007
Dulce Rangel	Onde Está Você	2020
Frei Betto	Começo, Meio E Fim	2014
Eduard José	Júlia Tem Uma Estrela	2009
Eliandro Rocha	Roupa De Brincar	2015
Emma Trevayne	Thomas E Sua Inesperada Vida Após A Morte	2016
Ernani Ssó	Contos De Morte Morrida: Narrativas Do Folclore	2007
Fernando Sabino	O Gato Sou Eu: A Morte Vista De Perto	1983
Flávia Savary	Lendas Da Amazônia	2019
Francisco Aurélio Ribeiro	Seu Miséria E Dona Pobreza	2003
Francisco Cândido Xavier	Crônicas De Além-Túmulo	2013
Gudrun Mebs & Beatriz Martin Vidal	Íris: Uma Despedida	2010
Hervé Bouchard	Harvey: Como Me Tornei Invisível	2013
Humberto Del Maestro	Crônicas E Outros Escritos: Depois Da Morte	2003
Ilan Brenman	Meu Filho Pato E Mais Contos Sobre Aquilo De Que Ninguém Quer Falar	2011
Isabel Minhós Martins & Madalena Matoso	Para Onde Vamos Quando Desaparecemos?	2011
Ivan Jaf	Projetos Póstumos De Brás Cubas	2011
Jeremy Holmes	Tinha Uma Velhinha Que Engoliu Uma Mosca	2010
Joanne K. Rowling	Harry Potter E As Relíquias Da Morte	2007
Joanne K. Rowling	Os contos de Beedle, o bardo	2017
Jorge Oliveira	Muito Prazer, Eu Sou A Morte	2015
José Bento Renato Monteiro Lobato	Fábulas Monteiro Lobato: A Morte E O Lenhador	2006
Karen Bryant-Mole	Morte: O Que Está Acontecendo?	1997
Kazumi Yumoto	O Urso E O Gato - Montês	2011
Keika Hanada	Morte: O Anjo Que Chora Entre Os Sonhos	2019

Leen Van Den Berg	A Preciosa Pergunta Da Pata	2009
Luís Silva	O Livro Da Avó	2010
Luísa Ducla Soares	Um Gato Tem sete Vidas	2017
Luiz Galdino	Quando Vovô Virou Borboleta	2003
Luciana Mazorra & Valéria Tinoco	O Dia Em Que O Passarinho Não Cantou	2018
Machado De Assis	Fuga Do Hospício E Outras Crônicas: Sobre A Morte E O Morrer	1998
Márcia Batista	Procurando Assombração E Outras Histórias	2009
Maria Cristina Mariante Guarnieri	Do fim ao começo falando sobre perdas, luto e morte: Falando sobre perdas, luto e morte	2010
Maria Inês Ricci	Cadê Cotó?	2016
Marjolijn Hof	Um Fio De Esperança	2010
Maurício De Sousa	Dona Morte Em: O Segredo Da Vida... E Da Morte!	2008
Maurício De Sousa	Penadinho Amor, Cego Amor!	2001
Maurício De Sousa	Penadinho: Lar	2020
Michaelene Mundy	O Que Acontece Quando Alguém Morre?	2011
Mustafa Yasbek	Gilgamesh Contra A Morte: Aventuras Mitológicas	2008
Nelson Albissú	Aventuras De Pedro Malasartes: A Alma Penada Da Casa Assombrada	2017
Nelson Albissú	Difícil De Entender, Vô!	2012
Nivânia Carvalho	Cicatrices – A Pequena Estrela	2011
Oliver Jeffers	O Coração E A Garrafa	2012
Pablo Lugones & Alexandre Rampazo	O Passeio	2017
Paloma Valdivia	É Assim	2012
Peter Schossow	Mas Por Que?! - A História De Elvis	2008
Regina Chamliam & Helena Alexandrino	Vovô Virou Árvore	2009
Regina Drummond & Rosana Rios	Quatro Estações De Morte	2012
Renata Penzani	A Coisa Brutamontes	2018
Ricardo Azevedo	Contos De Enganar A Morte	2003
Roberto Parmeggiani	A Avó Adormecida	2014
Rubem Alves	A Montanha Encantada Dos Gansos Selvagens	2016
Salizete Freire Soares	Tudo vira outra história	2012
Sandro Chamon	O Mensageiro E O Jovem Sábio: O Que É A Vida? E O Que É A Morte?	2006
Tânia Bailão Lopes	Maria Morte	2017
Tatiana Belinky	Agridoce nostalgia	2012
Teresa Noronha	Um Trem De Janelas Acesas	2009
Tiago Hakiy	O Canto Do Uirapuru: Uma História De Amor Verdadeiro	2015
Tine Mortier	Mari E As Coisas Da Vida	2012
Wander Piroli	Os Dois Irmãos	2009
Wladimir Lacerda	Pintinho Jubão E O Espírito Da Floresta: O Que Acontece Quando Os Bichinhos Morrem?	2010
Wolf Erlbruch	A Grande Questão	2006
Wolf Erlbruch	O Pato, A Morte E A Tulipa	2009
Ziraldo Alves Pinto	Menina Nina: Duas Razões Para Não Chorar	2012

Fonte: os autores, como base em rodas de diálogos em grupos contadores de histórias da Grande Vitória, 2020.

ANEXO B – O Conto Dos Três Irmãos (as relíquias da morte, o trecho)

- Mas, o que são as Relíquias da Morte? - perguntou Hermione. Xenófilo encheu sua xícara vazia. - Soa-te familiar 'A Lenda dos Três Irmãos'? Harry disse, - Não - mas Rony e Hermione disseram - Sim. - Bem, bem, senhor Potter, tudo começa com 'A Lenda dos Três Irmãos'... Eu tenho uma cópia em algum lugar... Ele procurou vagamente [...], mas Hermione disse, - Eu trouxe uma cópia Sr. Lovegood. E ela tirou da bolsa de contas As Lendas de Beedle e Bart.- O original? - perguntou Xenófilo agudamente, e quando balançou a cabeça, ele disse, - Bem, então por que você não lê pra gente? É o melhor jeito de fazer com que entendam tudo [...] Ela abriu o livro, e Harry viu o símbolo que estavam investigando no topo da página [...] e começou a ler. "Uma vez três irmãos estavam viajando [...] acharam um rio muito fundo para atravessar e muito perigoso para atravessar a nado. Contudo, esses irmãos haviam aprendido as artes mágicas, e quando eles simplesmente acenaram suas varinhas, uma ponte apareceu acima da água em revolta. Eles estavam na metade do caminho quando perceberam que a ponte estava bloqueada por uma figura encapuzada. E então, a Morte lhes falou."- Desculpe, interrompeu Harry, - mas a Morte falou com eles? - É um conto de fadas Harry!- Certo, desculpe, continue. "E a Morte falou com eles. Ela estava brava, pois tinha sido enganada por suas três novas vítimas, que tiraram dela os viajantes que morriam no rio. Mas a Morte, que era traiçoeira resolveu presentear os três irmãos por sua mágica e disse que cada um deveria pedir um prêmio por ser mais esperto que ela. Assim, o irmão mais velho pediu a varinha mais poderosa que existisse, uma varinha que sempre ganhasse os duelos para seu dono, uma varinha digna do bruxo que derrotou a Morte. Então a Morte foi até uma árvore, voltou e entregou a varinha para o irmão mais velho. O segundo irmão, que era um homem arrogante, decidiu que ele ia humilhar a Morte até onde pudesse, e então pediu o poder de trazer pessoas de volta à vida. A Morte pegou uma pedra próxima ao rio e disse que com ela ele teria o poder de trazer pessoas da morte para a vida. E então a Morte perguntou ao irmão mais novo o que ele queria, e ele que era o mais sábio e humilde, não confiava na Morte. Então ele pediu alguma coisa que o fizesse deixar o lugar sem ser seguido pela morte. E ela, contra a sua vontade, deu a ele sua própria capa de invisibilidade."- A Morte tinha uma capa de invisibilidade?- Harry interrompeu novamente. - Assim ela pode espiar as pessoas, - disse Rony. - Às vezes ela se cansa de correr atrás deles balançando seus braços e fazendo ruídos aterrorizantes. Desculpe Hermione. "Então a Morte ficou parada e deixou os três irmãos continuarem seus caminhos, e eles seguiram conversando sobre a aventura e os presentes da Morte. Então eles se separaram e cada um foi por um lado. O primeiro viajou por mais uma semana e encontrando um vilarejo distante desafiou um bruxo com quem tinha uma desavença. Naturalmente, com a Primeira Varinha como sua arma não haveria como perder o duelo [...] Uma noite, [...] um ladrão pegou a varinha e cortou a garganta do irmão mais velho. Assim a Morte pegou o primeiro irmão. Enquanto isso o segundo irmão viajou até sua própria casa, onde ele vivia sozinho. Então ele pegou a pedra que tinha o poder de trazer os mortos, segurou firme em sua mão [...] [ela] apareceu a sua frente. Ela estava fria e triste separada dele como por um véu. Ela tinha retornado ao mundo dos vivos, mas não pertencia a ele e sofria. Finalmente o segundo irmão ficou louco e se matou para poder de fato ficar com ela. E assim a Morte pegou o segundo irmão. Mas mesmo a Morte tendo procurado pelo terceiro irmão por muitos anos, ela nunca o achou. Até que finalmente, em idade avançada, o irmão mais novo deu a capa de invisibilidade a seu filho. E cumprimentou a Morte como um velho amigo, e foi até ela feliz, assim como fez em toda a sua vida." [...] - Essas são as Relíquias da Morte.- Disse Xenófilo (ROWLING, 2007)